

Curso Livre CONTOS DE TRÊS EM TRÊS

02 de Maio - 06 de Junho de 2018 – 2.^a e 4.^a, 18:00-20:00 – Sala 7.1

PROGRAMA¹

1. Três contos metaficcionais [02.05]

Cristina Almeida Ribeiro

Escrever um conto, criando um universo ficcional e desenvolvendo ao mesmo tempo uma reflexão sobre a arte de construir ficções, é o que fazem, por diferentes vias e com diferentes focos, os autores dos contos a ler e comentar nesta sessão: Donald Barthelme (“O pateta”, 1967), Quim Monzó (“El cuento”, 1993), Ana María Shua (“O respeito pelos géneros”, 1992).

2. Três contos testamentários [07.05]

Marta Pacheco Pinto

Nesta sessão propõe-se a leitura de três narrativas que jogam com as ideias de carta-testamento, testemunho e confissão em ligação estreita com diferentes gestos de re- e autoconhecimento. Os contos seleccionados, que compõem um triângulo geográfico (Portugal, Brasil, Japão) pelo contexto de produção e pelo ambiente cultural que cada um tematiza, são os seguintes: “A carta” (2006) de Fernando Pinto do Amaral; “Um oriental na vastidão” (2009) de Milton Hatoum; e “A verruga” (1940) de Kawabata Yasunari.

3. Três contos de sereias [09.05]

Ruth Navas

Com a leitura de “O canto das sereias”, de Nuno Júdice, “O silêncio das sereias”, de Franz Kafka e “A aventura de um poeta”, de Italo Calvino, procura-se estabelecer um diálogo com o mito clássico. Neste percurso convida-se o leitor a visitar o encontro entre Ulisses e as sereias, narrado por Homero no canto XII da *Odisséia*. Contudo, o exercício não é linear, uma vez que o leitor terá de estabelecer as hipóteses interpretativas ditadas pelas relações intertextuais, que se cruzam de uma forma progressiva e cada vez mais complexa.

4. Três contos de autoras esquecidas [14.05]

Teresa Sousa de Almeida

A partir do final dos anos 30 do século XX e durante as duas décadas seguintes, surge em Portugal um conjunto de autoras que não se podem integrar no Neo-Realismo ou na Presença, embora se deixem tocar por estes dois movimentos, o que talvez possa explicar a forma como foram silenciadas pela história da literatura. Estes contos, de três escritoras hoje quase desconhecidas – “O pobre de Santiago”, de Graça Pina de Moraes, “A alma da velha casa”, de Natércia Freire, e “A mosca verde” de Natália Nunes –, falamos de personagens de várias gerações, com diferentes modos de vida, que subvertem, cada uma de sua maneira, a imagem tradicional da mulher portuguesa, proposta pelo Estado Novo.

5. Três contos insones [16.05]

Cristina Almeida Ribeiro

Ainda que para alguns seja sinónimo de tempo de criação, a insónia, que Christian Doumet definiu como “exacerbação do dia no mais profundo da noite”, é, para a maioria, apenas sintoma de depressão ou de cansaço extremo, factor de ansiedade e exasperação. Dessa experiência falam, de muito diversas formas, os contos escolhidos para esta sessão: “Insónia”, de François Mauriac (1938), “Insônia”, de Graciliano Ramos (1947) e “Na insónia”, de Virgilio Piñera (1956).

¹ Na primeira sessão será entregue a cada participante a antologia que reúne todos os textos a estudar ao longo do curso, pressupondo-se daí por diante, em cada sessão, a leitura prévia dos contos que lhe estão associados.

6. Três contos agrídoces [21.05]

Maria Graciete Silva

Histórias de pequenos prazeres e pequenas memórias, agrídoces no seu todo, os contos escolhidos – Katherine Mansfield, “Miss Brill” (1920); Drummond de Andrade, “O sorvete” (1951); Urbano Tavares Rodrigues, “Elisa” (2003) – primam pelo desenlace invariavelmente surpreendente, na diversidade do seu registo.

7. Três contos primaveris [28.05]

Cristina Almeida Ribeiro

Será que a amenidade do clima e o desabrochar da natureza, que sempre se lhe associam, fazem da primavera, tão inequivocamente como se diz, a estação do ano mais propícia a amores felizes e a gestos generosos e delicados? Eis o que se discutirá nesta sessão, a partir da leitura de contos de Guy de Maupassant (“Na primavera”, 1881), Vladimir Nabokov (“Primavera em Fialta”, 1936) e José María Merino (“Conto de primavera”, 2005).

8. Três contos com vista para a terceira idade [30.05]

Fernanda Branco

Em cada um dos contos apresentados como proposta de leitura – “Retrato de uma Senhora”, de Khushwant Singh (195..), “A vida fácil”, de Rosa Montero (1998) e “O meu amigo de infância”, de Lydia Davis (2014) – encontramos-nos com a presença da velhice, que nos é dada numa perspectiva exterior: um olhar interessado, um olhar interessado, um olhar surpreendido. Que objectividade, que subjectividade, mesmo quando olhado pelo lado de dentro?

9. Três contos de guerras e guerrilhas [04.06]

Maria Graciete Silva

“Guerrear” é, como tantos outros, um termo com latitudes várias, em particular no campo da ficção, onde quotidiano, insólito, lirismo, sátira e alegoria estão longe de ser inconciliáveis. É o caso do *corpus* proposto como objecto de análise – Anton Tchekhov, “O camaleão” (1884); Jack London, “Guerra” (1911); Mia Couto, “A guerra dos palhaços” (1994) –, mosaico de conflitualidades irreduzível a divergências de tom, maior ou menor.

10. Três contos suicidários [06.06]

Cristina Almeida Ribeiro

Como deixam provavelmente adivinhar os títulos de dois dos três contos reunidos nesta sessão – “O meu suicídio”, de Emilia Pardo Bazán (1894), “O imperativo de profundidade”, de Patrick Süskind (1996), e “Quando tiver tempo, suicido-me”, de José M. Pascual (2008) –, o suicídio, como tema narrativo, não tem de ser tratado sob o modo trágico, abrindo-se antes a diversas abordagens, que, como se verá, não excluem, nem a ironia, nem a auto-ironia, nem mesmo o sarcasmo.